

O PAPEL DA COMUNIDADE E DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO

The role of the community and health professionals in suicide prevention

Bianca Dietre¹; Valentina Assoni Ceratto²; Arnaldo Nogaro³

¹Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Câmpus de Erechim, RS. *E-mail*: bidietre@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Câmpus de Erechim, RS. *E-mail*: valentinaceratto@gmail.com

³Doutor em Educação. Professor do PPGEFU e PPGAIS URI. *E-mail*: narnaldo@uricer.edu.br

Data do recebimento: 29/10/2023 - Data do aceite: 03/05/2024

RESUMO: O presente artigo resulta de pesquisa teórica, de natureza qualitativa, cujo objetivo principal é identificar o papel da comunidade e dos profissionais da saúde na prevenção contra o suicídio, a fim de preservar vidas e contribuir com a saúde pública. Além disso, o texto fornece elementos ou indicadores para reconhecer transtornos psicológicos (como a depressão), comportamentos suicidas e, ainda, como prevenir para que essas pessoas não tirem a própria vida. Expõe-se, também, a respeito da importância do cuidado das psicopatologias, já que elas podem levar à autoagressão e atos autodestrutivos. Com a discussão teórica, adentra-se em aspectos fisiológicos da ciência das doenças mentais, a fim de reconhecer a bioquímica desses comportamentos.

Palavras-chave: Autoagressões. Cuidado. Comportamentos suicidas. Auxílio. Transtornos psicológicos.

ABSTRACT: This paper is the result of a theoretical research, of a qualitative nature, and its main objective is to identify the role of the community and health professionals in preventing suicide, in order to preserve lives and contribute to public health. Furthermore, the text provides elements or indicators for considering psychological disorders (such as depression) and suicidal

behaviors, and also how to prevent these people from taking their own lives. It also discusses the importance of caring for psychopathologies, as they can lead to self-harm and self-destructive acts. With the theoretical discussion, we go into physiological aspects of the science of mental illnesses, in order to consider the biochemistry of these behaviors.

Keywords: Self-harm. Care. Suicidal behaviors. Aid. Psychological disorders.

Introdução

O suicídio representa um desafio global de saúde pública, com consequências devastadoras para indivíduos, famílias e comunidades como um todo. É um fenômeno complexo, influenciado por uma interação entre os fatores biológicos, psicológicos e sociais. Diante desse cenário, a prevenção do suicídio emerge como uma prioridade incontestável, demandando a colaboração efetiva de diversos atores sociais. Neste contexto, a comunidade e os profissionais da saúde desempenham papéis fundamentais na prevenção do suicídio. O livro “Depressão” (2011), do autor Aaron Beck, afirma que a comunidade, enquanto um ambiente no qual os indivíduos vivem, trabalham e interagem, possui um potencial significativo para identificar sinais precoces de sofrimento emocional e promover um ambiente seguro e acolhedor. Por sua vez, os profissionais da saúde, munidos de conhecimento especializado, desempenham um papel crucial na detecção, avaliação e intervenção em casos de risco suicida.

Uma pesquisa realizada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), de Minas Gerais, em 2023, revelou dados alarmantes sobre o impacto do suicídio na saúde global. Os dados indicam que o suicídio é a quarta principal causa de morte entre os jovens do mundo. Ainda, foi exposto que mais de 700 mil pessoas morrem, anualmente, tirando a própria vida. Essa estatística alarmante entre

os jovens destaca a urgência de implementar estratégias eficazes de prevenção do suicídio. Além disso, observa-se relevância do debate sobre a prevenção das doenças psicológicas, as quais, conseqüentemente, levam milhares de vítimas a tirarem suas próprias vidas.

Ademais, os dados trazidos acima evidenciam a gravidade do problema do suicídio. Foram feitas tentativas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), de 2013 a 2020, de implementação de ações em vários países contra o alto número de suicídios, com o objetivo de diminuir em 10% a quantidade desses casos. Porém, as taxas de mortalidade apenas aumentaram no Brasil, evidenciando a alta importância de voltar a atenção desse problema no país. A prevenção do suicídio deve ser priorizada em políticas de saúde pública e deve envolver a colaboração ativa da comunidade, profissionais da saúde e autoridades governamentais. Somente com um esforço conjunto e contínuo pode-se esperar reverter essa tendência e proteger a vida dos indivíduos, especialmente dos jovens, que são uma parte essencial do futuro da sociedade. (OMS, 2020).

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo informar à sociedade sobre como é possível auxiliar pessoas afetadas por psicopatologias (como a depressão e a ansiedade) que possuem comportamentos suicidas e, assim, amenizar as consequências desses distúrbios, a fim de contribuir com a saúde pública e zelar pela vida. Além disso, o presente texto informa sobre como os profissionais da saúde, como médicos psiquiatras

e psicólogos devem lidar com esses casos complexos que envolvem pacientes suicidas. Em seguida, apresenta-se a bioquímica da depressão, expondo o seu mecanismo no organismo e o seu tratamento, bem como as causas e sintomas.

Material e Métodos

Para a escrita deste texto, fez-se uma pesquisa teórica, com enfoque qualitativo, com o propósito de conhecer e abordar a respeito do papel da comunidade e dos profissionais da saúde na prevenção contra o suicídio, a fim de preservar vidas e contribuir com a saúde pública. Nesta linha de raciocínio, este artigo é um esforço reflexivo para gerar e agregar conhecimentos novos nesta área, uma vez que a palavra “pesquisa” significa a busca de informações, a partir de levantamentos bibliográficos e de dados, como também a opção por sofisticação metodológica e o uso de teoria de ponta para buscar novos caminhos no conhecimento existente e, portanto, novos métodos de investigação a partir da abordagem metodológica (Gatti, 2006).

Nesse sentido, são discutidas informações relevantes como: fatores de risco para o suicídio, como reconhecer transtornos psicológicos e como prevenir o suicídio de quem zelamos, principalmente de familiares e amigos, os quais sempre estão inclusos em nossos planos, mas nem sempre conseguem espaço para se abrirem. Geralmente, as pessoas que possuem pensamentos suicidas não são capazes de se expressar, necessitando de ajuda externa para compreendê-las e ajudá-las.

Comportamento suicida

Albert Camus (1941, p. 13) inicia sua obra, “A Religião e o Sentido da Existên-

cia”, afirmando que: “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia.” Para o autor, o suicídio foi tratado como fenômeno social e ele importa-se com a relação do pensamento individual com o suicídio. “O veneno está no coração do ser humano. É aí que ele deve ser procurado.” (Camus, 1941, p. 15). O pensador remete-se ao rol das possíveis causas ou razões de alguém se suicidar, mas, dentre todas, ele aponta aquela que considera a derradeira:

Mas se é difícil fixar o momento preciso, o movimento sutil do espírito em que se determinou pela morte, é mais fácil tirar do próprio gesto as consequências que ele implica. Matar-se, em certo sentido (e tal como no melodrama), é confessar. É confessar que se é ultrapassado pela vida e que não a compreendemos. Não vamos, em todo o caso, tão longe nas analogias: voltemos às palavras correntes. O suicídio é apenas a confissão de que a existência “não vale a pena”. (Camus, 1941, p. 15-16).

Camus (1941) prossegue argumentando que morrer voluntariamente implica reconhecer, mesmo que instintivamente, o caráter irrisório desse hábito, a ausência de qualquer razão profunda de viver, o caráter insensato dessa agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento. Para o autor,

A reflexão sobre o suicídio dá-me então ocasião de apresentar o único problema que me interessa: haverá uma lógica até à morte? Só posso sabê-lo prosseguindo, sem paixão desordenada, à luz única da evidência, o raciocínio cuja origem aqui indico. É aquilo a que chamo um raciocínio absurdo. Muitos o começaram. Ainda não sei se o respeitaram. (Camus, 1941, p. 20).

Segundo Evaldo Alves D'Assumpção (2011), a prevenção do suicídio é possível, desde que haja um programa preventivo de orientação adequada, muitas vidas serão salvas. Para tanto, o referido autor salienta que a educação e os programas de prevenção devem ser desenvolvidos nas escolas, como meio de orientação aos jovens, pois há um grande índice de suicídios entre eles. Ele destaca, também, que os sintomas depressivos e as ideias de suicídio são quase sempre negligenciados, o que pode prejudicar as medidas preventivas.

Nesse contexto, para falar de prevenção ao suicídio, é necessário saber identificar quais comportamentos denotam risco para esse fenômeno. O reconhecimento desses fatores é fundamental e pode ajudar, tanto profissionais de saúde quanto familiares e amigos, a intervir precocemente e salvar vidas. Alguns fatores de riscos que tornam os indivíduos mais suscetíveis a possuírem pensamentos suicidas são: idade entre 15 e 30 anos, mais de 60 anos (idosos), gênero masculino (índices indicam o triplo de mortes de homens por suicídio do que as mulheres), doenças crônicas debilitantes, perdas recentes, histórico familiar de suicídio e de doenças psicológicas, eventos traumáticos na infância e na adolescência (como maus tratos, abusos físicos e sexuais ou pais divorciados), sentimentos de desesperança, entre outros diversos comportamentos que merecem atenção (Duarte, 2023).

Alguns sinais de alerta que indicam pensamentos suicidas, conforme a OMS (2017), são: preocupação com a sua própria morte ou falta de esperança, expressão de ideias ou de intenções suicidas, diminuição ou ausência de autocuidado, mudanças na alimentação e em hábitos de sono, uso abusivo de drogas/álcool, alterações nos níveis de atividade ou de humor, crescente isolamento de amigos/família, diminuição do rendimento na escola ou no trabalho, autoagressão e relutância em

participar de atividades que anteriormente eram apreciadas.

De acordo com estudos no livro “A arte de morrer” os pesquisadores Corrêa e Neves, relatam que as tentativas de suicídio, sobretudo aquelas realizadas através de métodos violentos, como saltos de alturas, enforcamento, arma de fogo e cortes profundos no corpo, aumenta a chance de morte em 25 vezes ao longo da vida. Além disso, pesquisas realizadas no ano de 2022, pelo Data SUS, demonstram que no total 15.680 pessoas faleceram por conta de lesões autoprovocadas intencionalmente no Brasil.

Cabe destacar que o comportamento suicida tende a ser mais comum entre indivíduos hospitalizados (o número aumenta de 3 a 5 vezes) ou com condições sociodemográficas desfavoráveis, o que deve chamar mais atenção para tais grupos sociais. Ainda, “pouca escolaridade, baixa renda financeira, desemprego e estado civil solteiro associam-se de forma consistente a maiores riscos de suicídio” (Botega, 2015).

O que é comum no tratamento do suicídio em saúde

Segundo Kovács (2010), o suicídio inclui uma gama de situações muito complexas, cujos contornos são vagos e indefinidos. As tentativas de suicídio são atos deliberados de autoagressão, em que as pessoas não têm certeza da sobrevivência e há uma consciência vaga do risco de morte. Portanto, é necessário cuidar do indivíduo que pede ajuda, pois o grande perigo é que, muitas vezes, estas pessoas não são levadas a sério. Muitas tentativas de suicídio são taxadas pejorativamente de atos histéricos e, por vezes, até mesmo os profissionais da saúde tratam estes pacientes com desprezo.

Assim, após identificado algum dos fatores acima, ou mais de um, é necessária

a intervenção de várias frentes, incluindo o apoio emocional e o acesso a cuidados da saúde mental. Primeiramente, é fundamental encaminhar o indivíduo para uma avaliação psiquiátrica, pois o médico poderá tratar adequadamente o transtorno mental, possível fator para o comportamento suicida, além de investigar corretamente o histórico familiar e pessoal do paciente. (Botega, 2015)

Em segundo plano, nessa situação, é necessário aconselhar e conversar com a pessoa que necessita de cuidados, recomendando o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de cada cidade ou psicólogos de redes particulares. Ademais, é fundamental que os profissionais, a família e as pessoas próximas aos enfermos demonstrem apoio emocional, compartilhando a dor com essa pessoa, ajudando-a no processo de cura. A mente é algo de difícil entendimento e cada pessoa tem a sua interpretação sobre a vida e sobre o mundo. Portanto, a paciência e a compreensão são indispensáveis para quem possui pensamentos suicidas. Após essa etapa, com o tratamento da doença mental e da cessação da ideia suicida, por meio da intervenção médica e do apoio emocional, o indivíduo pode ter de volta a qualidade de vida. (Manual Caps, 2004)

Logo, buscar ajuda psicológica ou entrar em contato com o Centro de Valorização da Vida (CVV) através do número 188 (atendimento psicológico que funciona 24h por dia, de forma anônima e gratuita) é um passo fundamental quando pensamentos suicidas são percebidos. Profissionais qualificados podem orientar e compreender que o suicídio não é a solução para os problemas.

Setembro amarelo e o papel do profissional da saúde

O mês de setembro é considerado o mês mundial da prevenção e da conscientização

contra o suicídio, também chamado de “setembro amarelo”, sendo marcado pela cor que simboliza a vida e a esperança. Essa campanha, que teve início no Brasil em 2015 (de acordo com o TJDF - Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios), desempenha um papel vital na quebra da estigmatização da conversa sobre saúde mental e auxilia no fornecimento de recursos para aqueles que estão em sofrimento. Tal campanha capacita a comunidade a reconhecer quando alguém está em perigo, além de direcionar meios de ajuda às vítimas.

Quando alguém com pensamentos suicidas for encaminhado para o profissional psicológico ou para o médico psiquiátrico, levando em consideração a situação de risco que o paciente com a saúde mental debilitada se encontra, o perito deve avaliar a necessidade da quebra do sigilo, envolvimento da família, internação ou acompanhamento ambulatorial, tudo isso para evitar atos de autoagressão e possíveis tentativas de suicídio (Conselho Regional de Psicologia do DF, 2020).

A possibilidade de contato com o psicólogo ou outras fontes de ajuda, durante 24 horas, é necessária para momentos de crise em que o afetado com comportamentos suicidas não sabe a quem recorrer. Caso o profissional não se disponibilize a prestar serviços pelo telefone, ele deve indicar o CVV (Centro de Valorização da Vida) ou outras saídas alternativas.

Também, é necessário o sentimento de empatia do profissional em saúde mental. Ele deve compreender o constrangimento do paciente durante algumas conversas e abordar os temas de maneira delicada, aproximando-se do doente e criando uma relação de confiança entre eles. Por isso, se destaca a importância da formação de bons profissionais, os quais enxerguem o paciente além da doença, considerando cada situação

como única. Esse motivo explica o porquê de não existir um procedimento padrão para o atendimento dos necessitados de tal ajuda psicológica, já que cada indivíduo é diferente e enfrenta seus desafios de uma maneira ímpar (Bertolote, 2010).

Além disso, é essencial que o médico psiquiatra prescreva medicações que diminuam pensamentos e ações suicidas. Ademais, o profissional da saúde deve fazer uma entrevista clínica para avaliar o risco suicida, a qual possui três objetivos principais: o apoio emocional, o estabelecimento de um vínculo confiável com o paciente e a coleta de informações (como fatores de risco e proteção, aspectos psicodinâmicos, antecedentes pessoais e familiares, dados sobre saúde física e rede de apoio social). Dificuldades ao longo da entrevista serão encontradas, mas com conhecimento e treinamento adequados, o profissional poderá abordar e ajudar adequadamente o paciente (Bertolote, 2010).

O papel do psicólogo envolve realizar uma avaliação cuidadosa, contendo entrevista atenciosa, para determinar a gravidade do risco suicida, estabelecer uma aliança terapêutica, trabalhar com as emoções e pensamentos do paciente, desenvolver estratégias para lidar com o sofrimento e com a pressão emocional, comunicar-se com a rede de apoio e realizar o monitoramento constante do afetado (Straub, 2010).

Nesse contexto, percebe-se que o trabalho multidisciplinar entre os profissionais da saúde é essencial para fornecer cuidados abrangentes e eficazes para indivíduos que enfrentam psicopatologias. Ambos, o psiquiatra e o psicólogo, desempenham papéis complementares e podem ser necessários em diferentes estágios do tratamento. Sem esse trabalho integrado, a abordagem com o paciente seria falha e ele não receberia uma gama completa de cuidados, como a avaliação médica e a terapia especializada.

Quando o suicídio não consegue ser evitado

Na visão de Karina Okajima Fukumitsu (2019), o suicídio ainda se configura como tabu, pois é carregado de estigma, mesmo com o aumento da comunicação e campanhas sobre o tema, e ainda é restrito e cauteloso com resquício de crenças que, por muito tempo, se instalaram, como a de que falar sobre o assunto pode estimular ideias em quem pensa em se matar.

As campanhas se multiplicam, porém o número de suicídios e tentativas aumenta e atinge todas as idades e níveis socioeconômicos e educacionais. O suicídio não tem causa única, é resultado de múltiplos fatores e de uma intencionalidade pessoal (Fukumitsu, 2019). Sabe-se que o suicídio atinge várias pessoas, sendo que o maior impacto é causado aos familiares, pessoas amadas, amigos e pessoas que têm um vínculo próximo com quem tirou a própria vida.

Infelizmente, nem sempre as vítimas dos comportamentos suicidas passaram por um processo de tratamento adequado, gerando tragédias indesejadas. Nessas situações, é de extrema importância o contato com a família e com os amigos do indivíduo que tirou a própria vida, já que o impacto em suas rotinas pode levá-los a fazer o mesmo ou, ainda, entrarem em crises depressivas graves. Nesse momento, torna-se essencial abordar tais casos com sensibilidade e apoio (Botega, 2015).

Assim, para que esse contato seja realizado, além das consultas psicológicas, pode-se recomendar a participação em grupos de apoio, nos quais a dor pode ser enfrentada em conjunto com outras pessoas que dividem do mesmo sofrimento. Logo, os conhecidos próximos da vítima podem aprender como superar essa fase tão complicada de suas vidas (Silva, 2018).

Ademais, os psicólogos podem oferecer orientação e apoio específico para ajudar os entes a enfrentarem essa situação. É necessário também permitir o processo de luto, já que esse processo é complicado e doloroso. Deve-se permitir que os familiares expressem as suas emoções e os seus sentimentos sem julgamento. Deve-se encorajar a comunicação aberta. Além disso, é preciso ajudar a encontrar recursos locais de apoio ao luto, grupos de apoio ou organizações que ofereçam assistência as famílias que passam por situações semelhantes (Silva, 2018).

Bioquímica da depressão e o funcionamento dessa psicopatologia

A depressão é a principal doença mental que leva os indivíduos a cometerem suicídio, afetando não só a pessoa, mas também a família e a sociedade (Costa, 2018). Segundo a OMS, a depressão é considerada como o “mal do século”, já que é estimado que esse transtorno afeta mais de 300 milhões de pessoas atualmente. Nesse contexto, para conseguir entendê-la, é importante primeiro aprender mais sobre sua ciência, compreendendo suas causas, sintomas, bem como seu funcionamento bioquímico no organismo.

Há diversos fatores que podem alterar as substâncias neurotransmissoras, as quais são essenciais para um adequado funcionamento neurológico e, caso sejam modificadas, podem interferir diretamente nas condições psicológicas dos indivíduos, podendo gerar a doença mental da depressão. Algumas das causas dos distúrbios nas substâncias neurotransmissoras são: fortes emoções, medicamentos alucinógenos em excesso, drogas, inflamações crônicas, situações de stress contínuas, álcool, fumo e ingestão de alimentos com gorduras trans. Tais situações contribuem para gerar estresse no metabolismo dos neurônios e, conseqüentemente, causando descontroles de comunicações intra

e intercelulares. Além dos fatores mencionados, deve-se considerar fatores epigenéticos e a deficiência alimentar do aminoácido triptofano, já que eles podem influenciar na aparição do transtorno (Shiratori, 2011).

Já algumas das características clínicas da depressão envolvem o sentimento de inutilidade, perda ou ganho de peso, insônia ou hipersonia, fadiga, perda da concentração e do prazer, irritabilidade, ansiedade, angústia, desinteresse, cansaço fácil, apatia e isolamento social. Portanto, caso for identificado algum desses sintomas, é necessário o alerta e o encaminhamento aos profissionais de saúde capacitados a auxiliarem na psicopatologia (Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS).

Os episódios depressivos relacionam-se, principalmente, aos baixos níveis das substâncias químicas chamadas de neurotransmissores na fenda sináptica, que é o espaço entre neurônios, responsáveis pela comunicação efetiva entre eles. Na comunicação entre células nervosas, é nessa região que os neurotransmissores são lançados pelo primeiro neurônio, por exocitose, e alcança o neurônio seguinte, acoplado em seus neuroreceptores, o que provoca um aumento da condutância da membrana plasmática pós-sináptica a íons de sódio e potássio, assim, transmitindo a informação desejada entre cada um deles. Uma reação específica ocorre no neurônio receptor dependendo do neurotransmissor emitido. Logo, sendo sensações e emoções reações químicas do organismo, uma alteração nos níveis dos neurotransmissores gera alterações psicológicas e físicas no corpo do indivíduo (Queiroz, 2015).

A psicopatologia da depressão está relacionada com o hipofuncionamento bioquímico da atividade da serotonina, da noradrenalina e da dopamina. Visto que esses neurotransmissores são essenciais ao funcionamento cerebral adequado, os baixos níveis de tais substâncias nos espaços

sinápticos, ou a rápida degradação desses compostos no organismo, impedem que o sistema nervoso produza hormônios que desencadeiam a felicidade e o bem-estar, como a endorfina. Além disso, por conta do número desprezível desses neurotransmissores, os neurônios não conseguem captá-los de forma eficaz e transmitir impulsos nervosos ao corpo e, conseqüentemente, desencadeiam a depressão (Shiratori, 2011).

Para o tratamento da depressão usam-se antidepressivos, os quais atuam diretamente no cérebro e conseguem ampliar a produção dos neurotransmissores ou impedir sua rápida degradação, aumentando-os em quantidade e permitindo que os impulsos nervosos ocorram corretamente, possibilitando ao corpo produzir os hormônios da felicidade. Porém, nem sempre os pacientes se adaptam corretamente aos medicamentos e acabam sofrendo de efeitos colaterais difíceis de lidar (Moreno Soares, 1999).

Já sobre a comercialização de antidepressivos e estabilizadores de humor, afirma-se que:

A comercialização desses fármacos cresce a cada ano no Brasil. Dados do Conselho Federal de Farmácia apontam que a venda desses medicamentos cresceu cerca de 58% entre os anos de 2017 e 2021. Antes da pandemia de Covid-19, cerca de 193 milhões de pessoas tinham transtorno depressivo maior e 298 milhões de pessoas tiveram transtornos de ansiedade em 2020. Após o ajuste para a pandemia, as estimativas iniciais mostram um salto para 246 milhões para transtorno depressivo maior e 374 milhões para transtornos de ansiedade. Diante do aumento na procura por fármacos que auxiliam no apoio de condições de saúde mental, especialistas destacam a importância do acompanhamento médico e terapêutico e os riscos do uso indiscriminado dos remédios (Rocha, 2023, p.76)

O tratamento da doença é feito a partir do uso de três classes de fármacos: os inibidores dos transportadores das monoaminas (tricíclicos), os inibidores seletivos do transportador da serotonina (SSRIs) e os inibidores da enzima MAO. Esses fármacos funcionam aumentando as concentrações de dopamina, noradrenalina e serotonina entre os neurônios. Deste modo, aumenta a excitação nas vias cerebrais cujos neurônios utilizam estes neurotransmissores, que são aquelas relacionadas com o bem-estar emocional. É fundamental que esses fármacos sejam utilizados, já que devem desencadear o alívio das conseqüências da depressão, permitindo ao paciente a volta do bem-estar (Shiratori, 2011).

Conclusões

Em suma, o artigo fornece uma visão abrangente sobre o tema do suicídio e a depressão, além do papel da sociedade e dos profissionais de saúde em casos de vítimas com comportamentos suicidas. Ao longo do texto, foram apresentadas diversas facetas, incluindo fatores de riscos, prevenção e intervenção nesses casos quando necessário. Assim, ficou explícito que a depressão - que influencia o suicídio - tornou-se uma preocupação da saúde pública, já que milhões de indivíduos sofrem dessa psicopatologia, influenciando diretamente no comportamento suicida. Vale ressaltar que é crucial reconhecer a importância das abordagens multidisciplinares e de políticas públicas eficazes para a prevenção do suicídio.

O suicídio coloca o ser humano diante de si, de suas fragilidades e da insustentabilidade do existir. Quando alguém opta por suicidar-se, o drama vivido é mais forte do que o desejo de viver. Significa que não há mais sentido em continuar uma vida, que no seu entendimento, sofre revezes e a deixa

miserável. A clausura existencial em que se encontra o suicida o impede de ver outros horizontes, qualquer outra possibilidade. Por isso, a decisão sempre está carregada de um drama que se desenha ao longo da vida da pessoa e para o qual não vislumbra alternativas.

Ademais, é importante ressaltar que cada caso clínico é diferente, exigindo terapias e apoios distintos e personalizados. Entretanto, todos os indivíduos que possuem comportamentos suicidas, sem exceção, necessitam de cuidados especiais, como a terapia com o psicólogo e o consumo de fármacos indicados pelos psiquiatras. Dessa maneira, o paciente poderá recuperar o prazer da vida e produzir novamente hormônios que induzem o sen-

timento de felicidade. Ainda, destaca-se a importância da rede de apoio para o afetado, incluindo familiares e amigos, os quais são imprescindíveis durante o tratamento, já que são responsáveis por dar apoio e esperança.

Dado o exposto, cabe destacar que o suicídio é um acontecimento capaz de abalar famílias, porém ele pode ser evitado pela atenção dos profissionais da área da saúde, pelos membros da sociedade e pela rede de apoio do afetado pela psicopatologia. É necessário um cuidado especial voltado para situações incomuns e que chamem atenção dos indivíduos que adquiriram comportamentos distantes do normal, como “brincadeiras” indicando suicídio e isolamento social.

REFERÊNCIAS

- BECK, A. T.; ALFORD, B. A. **Depressão**: Grupo A, 2011. *E-book*. ISBN 9788536326030. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536326030/>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- BOTEGA, N. J. **Crise suicida**. Porto Alegre-RS: Grupo A, 2015. *E-book*. ISBN 9788582712382. P. 84-93 e 216-225. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582712382/>. Acesso em: 26 set. 2023.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1941.
- Centro de Valorização Da Vida (CVV). Disponível em: www.cvv.org.br/. Acesso em: 12 set. 2023.
- CORRÊA H., N., F. S. A prevenção do suicídio. In: SANTOS, Franklin Santana (Org.). **A arte de morrer**: visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010. v. 3. p. 167-281.
- COSTA, R. **Bioquímica da Depressão 2**. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/37216721/resumo-bioquimica-da-depressao2> Acesso em: 22 set. 2023.
- CRANÇAS, E. **Adolescentes e prevenção de comportamento suicida**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190837/26173730-guia-intersetorial-de-prevencao-do-comportamento-suicida-em-criancas-e-adolescentes-2019.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.
- DAIANE, P. *et al.* Bioquímica da depressão. “**Depressão - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana Da Saúde**.” Disponível em: www.paho.org, www.paho.org/pt/topicos/depressao#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%20C%20e Acesso em: 13 set. 2023.
- DATASUS. **Ministério da Saúde**. Tabnet. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022.
- D’ASSUMPÇÃO, E. A. **Sobre o viver e o morrer - manual de tanatologia e biotanatologia para os que partem e os que ficam**. 2. ed. ampl. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

FEIJÓ, M. F.; BERTOLUCCI, C. M.; REIS, C. **Seretonina e controle hipotalâmico da fome:** uma revisão. Disponível em: <http://jpress.jornalismojunior.com.br/2015/05/depressao-bioquimica-cerebral-alemaspecto-psicologico/> Acesso em: 22 set. 2023.

FUKUMITSU, K. O. **Sobreviventes enlutados por suicídio:** cuidados e intervenções. São Paulo: Summus. 2019.

GATTI, B. A. Pesquisar em educação: considerações sobre alguns pontos-chave. **Diálogo Educ.**, v. 6, n.19, p.25-35, set./dez. 2006. Acesso em: 15 set. 2023.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MARQUES, P. R. M. **Pedagogia da Morte:** a importância da educação sobre luto nas escolas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MORENO, R. A.; MORENO, D. H.; SOARES, M. B. DE M. Psicofarmacologia de antidepressivos. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 21, p. 24-40, 1999. Acesso em: 18 set. 2023.

Orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/CRPDF-Orientacoes_atuacao_profissional.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

Setembro Amarelo: O Que é, Objetivo, Importância. Biologia Net, www.biologianet.com/curiosidades-biologia/setembro-amarelo.htm. Acesso em: 18 set. 2023.

Setembro Amarelo - Prevenção ao Suicídio. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoos/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/setembro-amarelo-prevencao-ao-suicidio>. Acesso em: 12 set. 2023.

SHIRATONI, L. **Bioquímica da Depressão.** Disponível em: <http://neuromed92.blogspot.com/2010/11/bioquimica-da-depressao.html> Acesso: 22 set. 2023.

STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde.** p. 337-340: Grupo A, 2014. *E-book*. ISBN 9788582710548. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582710548/>. Acesso em: 25 set. 2023.